

ALMA NOVA – Revista do Ressurgimento Nacional (III e V séries). A III Série da revista, tendo como subtítulo *Revista de Ressurgimento Nacional*, é iniciada em Abril de 1922 e prolonga-se, com 36 números, até Dezembro de 1925¹. Tem como director literário Mateus Moreno e como director artístico J. Saavedra Machado². Estes dois autores foram vultos marcantes da revista até ao fim da sua publicação, em 1930.

O início do séc. XX, principalmente após o fim da 1ª Guerra Mundial, foi teatro de um forte e profundo surto nacionalista, com a dissolução do império austro-húngaro e a criação de várias nações até dele política e administrativamente dependentes, entre as quais a Hungria e a Checoslováquia. Um patriotismo fervoroso grassava então na Europa, como detentor e garante de valores a defender. Nalguns países (Itália, Alemanha, França, Roménia, Portugal, Espanha) desenvolveram-se teorias e doutrinas nacionalistas, como vertentes de um nacionalismo de reacção ao internacionalismo, defendido por correntes de esquerda. Não admira assim que no princípio dos anos vinte exista em Portugal uma revista que se subtitula de “Ressurgimento Nacional”. Era o espírito da época a dar os seus frutos.

A III série tem de enquadrar-se também, e obrigatoriamente, nos últimos anos conturbados da 1.ª República, no cenário do nítido ascenso político, ideológico e doutrinário (de obrigatórias consequências culturais) de parte importante da média e alta burguesia, descontente com o rumo dos destinos nacionais e que desembocou vitoriosamente no movimento de 28 de Maio de 1926. A ditadura militar que se lhe seguiu deu origem a um regime autoritário de carácter fascista – o chamado Estado Novo – tendo como Presidente do Conselho de Ministros António de Oliveira Salazar e que veio a prolongar-se até 25 de Abril de 1974.

Esta série enuncia um conjunto ambicioso de secções que foi mantendo com apreciável regularidade³.

Em “Palavras de Abertura”, o n.º 1 põe de sobreaviso os leitores relativamente ao seguimento de qualquer corrente político-partidária⁴. E no compulsar desta série da revista, pode observar-se, de facto, que se há um esboço de linha editorial ele é precisamente o da imprecisão e variação. De um ecletismo tal que não se lhe pode vislumbrar qualquer orientação nítida e própria, antes a da opção pela adopção sistemática de uma não-escolha.

Quer na III, quer na V série, é notória a frequência da “Crónica dos Livros” (referindo também as últimas publicações periódicas) e um cartaz de espectáculos incluindo teatro, música e cinemas. Há igualmente uma exibição feérica de anúncios, desde livros e publicações até aos mais diversos artigos de consumo.

Apesar duma orientação dúbia em política editorial, nomeadamente a ideológica, quatro vertentes há no entanto que se mantêm constantes ao longo destas duas séries:

- a preocupação (de incitamento e quase obsessiva) pelo que a revista considera o grande problema de fundo: o patriotismo, as maneiras de o ver, exercer e de ser reconhecido como bem sucedido⁵;
- a atenção ao regionalismo (não é de esquecer que a revista foi fundada no Algarve, Faro, e só depois se estendeu, como proclama, a nível nacional e internacional)⁶;
- uma particular atenção à necessidade de acentuação da presença económica e cultural portuguesa no Brasil e noutros países da América Latina⁷;
- o império colonial como indissociável do dever patriótico⁸.

Uma outra preocupação percorre a revista: a da importância de dar espaço e lugar aos novos. Aliás, o próprio título disso se reivindica: o novo, o espírito novo, a “alma nova”⁹.

A partir do n.º 31 (Set. 1925) a revista anuncia como programa, em subtítulo: *Contribuir para o Ressurgimento Nacional e Desenvolvimento do Intercâmbio Luso-Brasileiro*. Neste número, Mateus Moreno aparece substituído no cargo de director por Alcântara Carreira, que era já correspondente em vários jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, e também do *ABC* de Lisboa. Em crónica publicada no n.º 32, Alcântara Carreira anuncia a conclusão da III série e o começo duma nova publicação “com intuítos ainda mais amplos” e sob o sintético título de *Ilustração Latina* que visaria “outros alvos mais vastos e profundos” como “a defesa e a propaganda da Latinidade e das Nações suas aliadas”. Apontava como objectivo das suas colunas “resumos de valores, em especial de correntes migratórias” e de “naturais” aliados políticos – do lado português a Inglaterra, do lado brasileiro os Estados Unidos da América, constituindo essa aliança um incentivo à união das línguas desses países, de modo a que formem “um formidável bloco mundial”.

A *Ilustração Latina* vem anunciada no número especial de Natal de 1925 como “Publicação mensal em português, inglês, francês, italiano e espanhol, sob a actual direcção literária, artística e administrativa da “Alma Nova”.

Embora o primeiro número de *Ilustração Latina* estivesse anunciado (muito repetidamente) para Março do ano seguinte, com um programa ambicioso publicado em cinco línguas, o projecto não teve seguimento e a *Alma Nova* continuou.

O número 1 da V série é publicado em Junho de 1927 e aparece com outro subtítulo: *Ressurgimento Editora* (Soc. Anon. Coop. de Responsabilidade Limitada) *Em Organização*, e com a seguinte adenda: “Todo o escritor e todo o patriota podem ter aqui a sua associação /capital em acções de 20 Esc. Integralmente garantido”.

O interessante na leitura desta V série é a sua nítida inflexão ideológica. Comparativamente com a III, passa de um apoliticismo declarado para uma também declarada integração nos cânones políticos exigidos pelo Estado Novo¹⁰. Quanto ao projecto editorial, já de si oscilante (ou vacilante) deixa de afirmar-se como tal, tornando-se a revista uma repetida publicação de fotografias de senhoras, meninas e gradas figuras do regime, acompanhadas

de legendas apologéticas, ao estilo da época, e hoje só compreensíveis com a consideração de todas as referências indicativas dos ventos que então sopravam no país¹¹.

Sob o ponto de vista histórico-político – e também cultural – a leitura destas duas séries da revista constitui referência relevante para quem queira abordar a vida portuguesa que então decorria¹².

Helena Bruto da Costa
(Lisboa, Maio de 2006)

¹ *Alma Nova, Publicação mensal ilustrada, de moral, crítica e literatura*, começou por ser publicada em Faro, em 1914, passando depois a ser editada em Lisboa. Contém 6 séries, sendo a última constituída por um número especial e único, publicado em 1930 (Cf., Pires, Daniel - *Dicionário da Imprensa Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*, Lisboa, Grifo, 1996, pp. 58 -61, que enumera e data todas as séries da revista, destacando os principais colaboradores e a orientação que lhe foi sendo dada ao longo dos anos).

² Sobre algumas notas biográficas de M. Moreno, oficial do Exército e escritor, e de J. Saavedra Machado, escritor e professor, v. Lisboa, Eugénio - *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Vol. 3, Mem Martins, Europa América, 1991, pp. 443-444, 532.

³ SECÇÕES: Agricultura, Comércio e Indústria; Colónias; Crónica Financeira; Letras; Página Feminina; Pedagogia; Sciencia e Filosofia; Ciencias-históricas Naturais; Sports e Educação Física; Teatros; ARTE: Pintura; Escultura; Arquitectura; Caricatura. Indica os responsáveis de cada secção e os representantes em várias regiões do país e em Espanha. Contem sumários paginados.

⁴ “A ARTE só poderá realizar amplamente a sua função educativa quando não pretendam submetê-la ao critério, geralmente restricto, dos organismos partidários”. Este editorial vem com a assinatura de “Os Directores”.

⁵ Ver nomeadamente em “Palavras de Abertura” da III série, um dos propósitos da revista: “O que nas suas páginas se pretende ensinar, sobretudo, é a melhor conhecer e amar Portugal”. Ao longo destas duas séries, há inúmeros artigos que realçam a grandeza da pátria portuguesa. Mas também apelos. Ver, por exemplo, um anúncio avulso surgido no volume II, de Janeiro -Dezembro de 1924, em que pode ler-se: “Se é patriota leia a “Alma Nova”. E na V série n.º 14, em fim de página: “A “Alma Nova” agrada-lhe? Pratica uma obra de patriotismo, auxiliando a sua manutenção”. Ou a partir dos nºs 4 a 6 da III série um subtítulo tendo como programa: “Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas”. De realçar também as “Notas Subsidiárias Para Uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra”, pelo Tenente José Brandão, em especial III série, nºs 21 a 24, p. 127 e nºs 25 a 27, p. 31. Ou, entre muitos outros artigos, a “Crónica” de M. Moreno (III série, nºs 28/30, p. 4) em que se define a “Alma Nova” como órgão defensor dos interesses da grei portuguesa e da possível reabilitação das suas virtudes patrióticas” (...) Cf. também “Acção de Fé”, de A. Reis Machado em que se atenta um possível pensamento filosófico-patriótico.

⁶ Foi a partir da II série, com a vinda de Mateus Moreno para Lisboa, que a revista adquiriu carácter nacional, nunca deixando, contudo, de focar a sua perspectiva regionalista com numerosos artigos e gravuras sobre as várias regiões do país.

⁷ Ver, por muitos outros, “Interesses Portugueses na América do Sul”, nºs 28 a 30, pp. 45-46, de J.M. Bettencourt Ferreira, ou múltiplas crónicas, fotografias e reportagens sobre o Brasil e outros países da América Latina. Ver a atenção dada ao Brasil e a publicações brasileiras (por exemplo, III série, nºs 76, 77, 78, 79 e segs).

⁸ Logo no n.º 1 da III série (Abril de 1922) o artigo “Colónias”, de J. Gonçalo Santa Rita, dá a entender o espírito do império e de que valerá a pena citar a seguinte frase: “Todas as questões que dizem respeito às colónias e aos problemas da colonização têm para nós uma importância cada vez maior. Não falando já nos dois milhões e setecentos e noventa mil quilómetros quadrados que elas acrescentam à superfície da terra pátria – o que, diga-se de passagem, nos impõe obrigações e responsabilidades de que frequentemente nos esquecemos e nos tornam em superfície uma das grandes nações do mundo - das colónias

depende, conforme se tem dito, a conservação da nossa própria autonomia política e a possibilidade da nossa existência “ (...). De registar ainda várias cartas de Francisco de Ascensão Mendonça, um dos redactores--secretários da revista, dirigidas a M. Moreno e publicadas sob a epígrafe “As Nossas Colónias” – n.º 3 da V série, p. 15 e n.º 4, p. 11 ou ainda “Portugal Ultramarino – A Nova Angola”, de Luís Wittnhic Carrisso, n.º 9/10, número de Natal de 1928.

⁹ Cf., por exemplo, o artigo de Fidelino de Figueiredo “Novos e Velhos”, a abrir o n.º 1 da V série, de Junho de 1927 em que, por várias figuras metafóricas (“alqueive”, “solo esterelizado e sub-solo rico e fecundo”, “gerações moças, formadas na desilusão da democracia e seus “imortais princípios” bem mortíferos”), vai dizendo: (...) É um momento crucial este na história portuguesa: Ou vence a autoridade, a ordem a tradição” (...) “No sub-solo da dictadura portuguesa há uma perfeita uniformidade mental, há uma puríssima isenção, que lançou para o canto das coisas inúteis as bandeiras dos partidos” (...).

¹⁰ De referir que o n.º1 desta V série traz na capa o célebre dístico: “ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA”. Em nota de abertura, não assinada, afirma-se que a revista seguiu desde 1914 o seu programa, a saber: “1º - Conhecimento e propaganda de todos os valores pátrios que interessem à obra do ressurgimento nacional; 2º - Estudo dos principais problemas do ressurgimento português: económico, literário, artístico, social e político; 3º - Propaganda, em todo o país, colónias e no estrangeiro dos nossos valores, belezas e possibilidades, tanto metropolitanas como coloniais; 4º - Formação de um forte núcleo de dedicações patrióticas, constituído sobretudo de Novos, completamente isentos de quaisquer facciosismos ou sujeições partidárias. “ No entanto, declara imediatamente a seguir: “Sendo a política, não só o foco de todas as atenções, no actual momento, mas o fulcro, mesmo da máquina governativa, óbvio se torna declarar que a ela não nos poderemos manter alheios. Será assim também política a nova fase da revista”. (...) E mais adiante vem a afirmação: “Porque é do concurso, não devemos ignorá-lo, de todos os valores nacionais, e de todas as dedicações honestas, inevitavelmente políticas, que se há-de prosseguir o milagre do ressurgimento da Nação”.

¹¹ Os últimos números da V série denotam a crise profunda em que a revista se encontra. Anuncia-se um suplemento mensal (*A Garota*) cujo único exemplar, publicado no n.º 1 de 1927 aparece imbuído de tal ligeireza frívola que só se salva por um conto inédito de Ferreira de Castro, nele inserido. Há um número sem texto, constituído apenas por anúncios. Os outros ocupam a maioria do seu espaço por fotografias ou relatos de eventos sociais ou políticos.

¹² Entre as referências bibliográficas de *Alma Nova* há que destacar a elencada no *Dicionário da Imprensa Literária Portuguesa*, acima referido, e que indica para consulta as seguintes publicações: “Alma Nova”, in *Biblos – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1, Lisboa, Verbo 1995; Cavalinhos, José Brissos, “Crítica e Diferença na Primeira República Portuguesa: o Exemplo da *Alma Nova*”, in *Revista da Biblioteca Nacional* (Lisboa), série 2. vol. 3 (Maio/Agosto de 1988); Guimarães, Fernando - *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1982; Murta, Guerreiro - *Evocação da “Alma Nova”*, Faro, 1960; Ribeiro, Aquilino, “O Mês Artístico”, in *Atlântida*, (Lisboa), n.º 17 Março de 1918. De realçar o estudo de José Brissos Cavalinhos, acima referido, então bolseiro do I.N.I.C. que analisa todas as fases da revista e elenca o conjunto de autores que nela colaboraram.